

A MARINHA E AS TRADIÇÕES

Gilberto Pereira*

*T*radição é uma palavra com origem no termo latino “traditio”, que significa “entregar” ou “passar adiante”. Tradição, portanto, é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura dessa coletividade.

Para que algo se estabeleça como tradição, e se transforme em hábito, é necessário bastante tempo. Diferentes culturas e mesmo diferentes famílias possuem tradições distintas. Algumas celebrações e festas (religiosas ou não) fazem parte da tradição de uma sociedade. Muitas vezes certos indivíduos seguem uma determinada tradição sem sequer pensarem no verdadeiro significado da mesma.

No âmbito da etnografia, a tradição revela um conjunto de costumes, crenças, práticas, doutrinas, leis, que são transmitidos de geração em geração e que permitem a continuidade de uma cultura ou de um sistema social.

No contexto do Direito, tradição consiste na entrega real de algo para efeitos da transmissão contratual de sua propriedade ou de sua posse entre pessoas vivas. A situação jurídica resulta de uma situação de fato: a entrega. Entre-



tanto, a tradição poderá não ser material, mas apenas simbólica.

Considerando as definições e premissas previamente enumeradas, podemos entender por que a Marinha é a instituição que, se não desfruta da maior quantidade de tradições, está entre as que assim se enquadram.

São tantas e tão cheias de beleza, que se torna extremamente difícil enumerá-las e destacar essa ou aquela como sendo a mais bonita ou a de melhor conteúdo.



Algumas, infelizmente, por motivos que fogem ao nosso controle, estão se extinguindo. Por exemplo, o licenciamento em traje passeio completo para Oficiais, Suboficiais e Primeiros-Sargentos e no uniforme azul para Segundos e Terceiros-Sargentos, Cabos e Marinheiros da Armada e caqui para Fuzileiros Navais. Os Aspirantes baixando à terra em uniforme jaquetão, com espadim e luvas, o que despertava enorme admiração na população. Os alunos do primeiro ano do Colégio Naval, enquanto não recebiam seus uniformes para uso nos licenciamentos para fora de Angra dos Reis, usavam nesses licenciamentos, o traje passeio completo. Nas cerimônias de entrega de espadins aos novos Aspirantes e de formatura de Guardas-Marinha, os homens usando traje passeio completo e as mulheres de chapéu e luvas. Na véspera da chegada ao porto, a faina de lona e areia no convés do navio. O tratamento de “senhor” dispensado ao Mestre do Navio, até mesmo pelo Comandante.

Outras, felizmente, acredito que se mantêm ativas, como: o “boa noite” aos mais antigos, após o cerimonial de arriar a Bandeira Nacional; só servir o rancho depois que o Imediato (no almoço) ou o Oficial de Serviço (no pequeno almoço e no jantar) provam e aprovam a “mostra do rancho”; ao se transitar por uma linha de navios atracados, um a contrabordo do outro, cumprimentar o Pavilhão Nacional

de cada navio por onde se passar, com uma continência voltada para a popa; após as refeições, só se ausentar do local depois que o mais antigo presente sai.

Há uma, entretanto, que se realça pelo que representa de respeito e consideração àqueles que ingressaram antes na Marinha, tendo dedicado mais tempo de sua vida à instituição. Diz ela: “não pegou na Escola, o tratamento é senhor”.

Em outras palavras, isso significa dizer que sempre que um Oficial se dirige a outro que tenha mais tempo de Marinha e que não tenha sido seu contemporâneo no Colégio Naval ou na Escola Naval, o tratamento deve ser de “senhor”, a menos que ele dispense. E essa tradição deve ser observada independentemente dos postos desses Oficiais.

É bonito, emocionante e gratificante, quando se constata um Almirante, muitas vezes na ativa e ocupando o último posto da carreira, tratando de senhor um Capitão de Mar e Guerra da Reserva ou Reformado, porque este tem mais tempo de Marinha e eles não conviveram na época escolar.

De modo algum isso traduz uma diminuição da autoridade daquele que ocupa a posição superior ou um desrespeito ao seu galão. Muito ao contrário, é uma maneira de prestigiar alguém que ajudou a construir a instituição atual e que tem mais idade e, desse modo, aumentar o respeito inspirado, mostrando sua autoridade.

Portanto, não vamos deixar essa tradição cair no esquecimento: “não pegou na Escola, o tratamento é senhor”. ■



* Capitão de Mar e Guerra (Ref°)